



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO - LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DAYANE MAYARA CORDEIROS DE SOUSA**

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E O ENFRENTAMENTO FAMILIAR: VIVÊNCIAS DE DISCENTES (MÃES) DO CURSO DE PEDAGOGIA COM O CUIDADO DE SUAS CRIANÇAS**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2023**

DAYANE MAYARA CORDEIROS DE SOUSA

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E O ENFRENTAMENTO FAMILIAR: VIVÊNCIAS DE DISCENTES (MÃES) DO CURSO DE PEDAGOGIA COM O CUIDADO DE SUAS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

**Área de concentração:** Práticas Educativas.

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosely de Oliveira Macário

**CAMPINA GRANDE – PB  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725t Sousa, Dayane Mayara Cordeiros de.  
Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o enfrentamento familiar [manuscrito] : vivências de discentes (mães) do curso de pedagogia com o cuidado de suas crianças / Dayane Mayara Cordeiros de Sousa. - 2023.  
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Rosely de Oliveira Macário, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC. "

1. Transtorno do Espectro Autista -TEA. 2. Família. 3. Política de educação inclusiva. I. Título

21. ed. CDD 371.115

DAYANE MAYARA CORDEIROS DE SOUSA

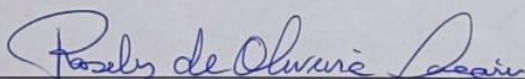
**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E O ENFRENTAMENTO FAMILIAR: VIVÊNCIAS DE DISCENTES (MÃES) DO CURSO DE PEDAGOGIA COM O CUIDADO DE SUAS CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

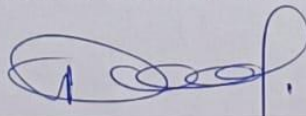
**Área de concentração:** Práticas Educativas.

Aprovada em: 30 / 11 / 2023.

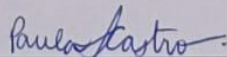
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Rosely de Oliveira Macário, D.sc. (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Diêgo de Lima Santos Silva, M.sc.  
Instituto Federal da Paraíba (UEPB)



Prof. Paula Almeida de Castro, D.sc.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe Helena (*in memoriam*), pela  
força, amor, dedicação, companheirismo  
e amizade, DEDICO.

“O conhecimento é poder. Utilize parte do seu tempo para educar alguém sobre o autismo. Não necessitamos de defensores. Necessitamos de educadores”.

*Asperger Women Association*

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AEE	Atendimento Educacional Especializado
BPC	Benefício de Prestação Continuada
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CDC	Centro de Controle e Prevenção de Doenças
CID	Classificação Internacional de Doenças
CNE	Conselho Nacional de Educação
DMS	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCD	Pessoas com Deficiência
SUS	Sistema Único de Saúde
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>09</b>
<b>2.1</b>	<b>Transtorno do Espectro Autista</b> .....	<b>09</b>
<b>2.2</b>	<b>O Processo de Diagnóstico</b> .....	<b>11</b>
<b>2.3</b>	<b>Inquietações da Família Frente ao Diagnostico do TEA</b> .....	<b>13</b>
<b>2.4</b>	<b>Principais Desafios Enfrentados</b> .....	<b>14</b>
<i>2.4.1</i>	<i>Emocional</i> .....	<i>14</i>
<i>2.4.2</i>	<i>Financeiro</i> .....	<i>14</i>
<i>2.4.3</i>	<i>Educacional</i> .....	<i>15</i>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>17</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>26</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>27</b>



## **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) E O ENFRENTAMENTO FAMILIAR: VIVÊNCIAS DE DISCENTES (MÃES) DO CURSO DE PEDAGOGIA COM O CUIDADO DE SUAS CRIANÇAS**

### **AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD) AND FAMILY COPING: EXPERIENCES OF STUDENTS (MOTHERS) FROM THE PEDAGOGY COURSE WITH THE CARE OF THEIR CHILDREN**

Dayane Mayara Cordeiros de Sousa\*

#### **RESUMO**

Este estudo consiste em refletir a partir da percepção das discentes universitárias na condição materna sobre as vivências estabelecidas no contexto familiar em relação ao enfrentamento do diagnóstico das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na vida com os seus filhos. Para tanto, faz-se necessária a aplicação da pesquisa de cunho qualitativo com abordagem bibliográfica, do tipo exploratória. Busca-se o embasamento teórico em pesquisadores, a citar: Oliveira e Sertié (2017); Camilo (2019); Falcão; Silva e Rocha (2023); além dos documentos que tratam (APA, 2014), entre outros citados nesta pesquisa, que discutem sobre o objeto em estudo e se relaciona aos caminhamentos teóricos e metodológicos frente ao contexto familiar quanto a descoberta de casos de crianças diagnosticadas com TEA, acrescidas aos olhares dos avanços no atendimento da equipe de profissionais interdisciplinares qualificados e aos desafios postos na atualidade a buscarem ajuda no atendimento de crianças com tais características conforme salienta os estudos derivados de (APA, 2014). Os dados foram coletados no âmbito do curso de Pedagogia, Campus I (UEPB), no semestre letivo de 2023.2, com estudantes do horário noturno, em Campina Grande – Paraíba. Pautou-se o uso de entrevistas do tipo semiestruturada, com sinalizações de questões abertas sobre o objeto de estudo, com a participação de um total de quatro estudantes (mães) com crianças com TEA inseridas no curso de Pedagogia que estudavam diferentes componentes curriculares neste semestre letivo de 2023.2. Segundo Gil (2007), a pesquisa de cunho qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social. As participantes da pesquisa reiteram as percepções de muitas mães com casos de filhos na literatura revisitada neste estudo, da preocupação da inclusão das crianças, nas distintas atividades sociais e o direito educacional do acesso à escola. Na análise dos dados, observa-se um quadro de desafios apontados pelas mães/discentes em relação ao processo educacional destinado aos seus filhos com TEA. Essas participantes, teceram críticas em relação às iniciativas dos órgãos de saúde pública em relação aos serviços por eles prestados, em relação a agilizar o diagnóstico da criança e facilitar a inserção dessas crianças na escola. A contribuição deste trabalho, reitera a necessidade de mais investimentos de cursos de formação para pais e especialistas, aliada a política de educação inclusiva voltada para dar apoio às famílias e melhorar a qualidade de vida das crianças com TEA.

**Palavras-chave:** transtorno do Espectro Autista - TEA; família; política de educação inclusiva.

---

\* Dayane Mayara Cordeiros de Sousa, Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

## ABSTRACT

This study consists of reflecting on the perception of university students in the maternal condition regarding the experiences established in the family context regarding coping with the diagnosis of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in dealing with their children. Therefore, it is necessary to apply qualitative research with a bibliographic approach of an exploratory nature. The theoretical basis is sought from researchers such as Oliveira and Sertié (2017); Camilo (2019); Falcão; Silva, and Rocha (2023); in addition to documents that address (APA, 2014), among others cited in this research, discussing the object under study and its relation to theoretical and methodological approaches concerning the family context regarding the discovery of cases of children diagnosed with ASD, in addition to the perspectives on advancements in the care provided by qualified interdisciplinary professional teams and the challenges currently faced in seeking help for children with such characteristics as highlighted by studies derived from (APA, 2014). The data were collected within the scope of the Pedagogy course, Campus I (UEPB), in the academic semester of 2023.2, with students from the evening shift in Campina Grande – Paraíba. Semi-structured interviews were used, with open-ended questions about the subject of study, involving a total of four students (mothers) with children with ASD enrolled in the Pedagogy course who were studying different curricular components in this academic semester of 2023.2. According to Gil (2007), qualitative research is not concerned with numerical representativeness but with deepening the understanding of a social group. The participants in the research reinforce the perceptions of many mothers with cases of children in the literature revisited in this study, concerning the concern for the inclusion of children in various social activities and the educational right to access school. In the analysis of the data, challenges were observed pointed out by the mothers/students regarding the educational process for their children with ASD. These participants criticized the initiatives of public health agencies in speeding up the child's diagnosis and facilitating the inclusion of these children in school. The contribution of this work reaffirms the need for further investments in parent and specialist training, coupled with an inclusive education policy aimed at supporting families and improving the quality of life of children with ASD.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder - ASD; family; inclusive education policy.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo principal refletir sobre os cuidados desenvolvidos pelos familiares diante do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) com suas respectivas crianças, conforme percebido pelas discentes (mães) do curso de Pedagogia noturno, Campus I (UEPB), no semestre de 2023.2.

Para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, com questões abertas sobre o objeto de estudo. Dessa forma, foram entrevistadas um total de quatro discentes (mães) dos períodos 3º e 8º deste semestre letivo já mencionado, provenientes de turmas diferentes. Todas as participantes são oriundas do Estado da Paraíba, residentes em municípios distintos, sendo três delas residentes em Campina Grande e a outra integrante no município de Boqueirão.

Para isso, fez-se necessária a realização de uma pesquisa do tipo revisão bibliográfica com uma abordagem qualitativa exploratória, compreendendo a

relevância do sujeito em torno desse tema. Nesse sentido, Gil (2007) ressalta que a pesquisa qualitativa não busca representatividade numérica, mas sim o aprofundamento da compreensão de um grupo social.

A pesquisa qualitativa, conforme Marconi & Lakato (2017), envolve a análise da literatura existente, incluindo publicações de pesquisadores em distintas áreas do conhecimento, como a Psicologia, entre outras, no que diz respeito ao fenômeno em estudo. Esse procedimento metodológico desempenha um papel relevante na construção da pesquisa científica.

As razões que motivaram o interesse neste estudo derivam de inquietações decorrentes de experiências empíricas registradas em uma brinquedoteca situada em um shopping de Campina Grande - PB<sup>1</sup>, onde atuei como monitora infantil entre os anos de 2020 e 2021. Lidar diariamente com crianças diagnosticadas com TEA nesse ambiente não formal gerou inquietações sobre o enfrentamento familiar, especialmente nas famílias pobres, ao lidar com seus filhos com TEA, inseridos em classes sociais populares. Gerando questões voltadas para o enfrentamento real das famílias de classes mais populares, diante do diagnóstico de TEA, crianças inseridas nas redes públicas de ensino.

O impacto do diagnóstico de TEA gera inquietações, angústias e medo, e a não aceitação ou rejeição das crianças pelos familiares pode prejudicar o tratamento, conforme destacado por (FALCÃO; SILVA e ROCHA, 2023). Aprender a lidar com uma criança com TEA torna-se um desafio para os familiares, e a falta de orientação psicológica atrapalha o tratamento da criança.

Considerando as diversas experiências na brinquedoteca com crianças com autismo, despertou-se interesse nas experiências dos membros familiares, especialmente as mães, que não recebiam um tratamento similar nos espaços externos do Shopping, identificadas com o Transtorno de Espectro Autista.

Buscamos, então, conhecer de perto essa realidade por meio das falas das discentes (mães) de filhos com TEA, participantes da pesquisa e frequentadoras do curso de Pedagogia. Suas percepções contribuíram para as aproximações com o embasamento teórico revisado.

Para esta pesquisa, priorizamos os dados obtidos durante as entrevistas, fruto das conversas informais estabelecidas em particular com as discentes na condição de mães de crianças diagnosticadas com TEA. De forma geral, descrevemos e refletimos sobre as percepções das discentes (mães), relatando-as de maneira elucidativa e reflexiva. Por fim, apresentaremos nossas contribuições finais diante do objeto de estudo pesquisado.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Transtorno do Espectro Autista**

O termo “autismo” foi definido pelo psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuler em 1911 para caracterizar os sintomas negativos e a alienação social de indivíduos que sofriam de esquizofrenia (Aragão, 2022).

---

<sup>1</sup> Atuando como monitora infantil em uma Brinquedoteca situada em um determinado Shopping de Campina Grande, tive a oportunidade de conversar com diversas mães de crianças com TEA, onde tais mães expressavam suas angústias relacionadas aos Diagnóstico de TEA de seus filhos, e sempre ressaltavam os enormes impasses financeiros de tal processo, o que gerou em mim uma profunda inquietação, visto que o público que frequentava a Brinquedoteca era de classe média alta, e gerou em mim questionamentos acerca de tais enfrentamentos em uma família em situação de vulnerabilidade social.

Os estudos de (Almohalha; Polizelli, 2021) apontam que na décima revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) em 1992, cita que o termo autismo adquiriu nova nomenclatura, passando a ser reconhecido como Transtornos Globais do Desenvolvimento. Nessa direção, é importante destacar que se trata de um novo conceito tido como um grupo de manifestações clínicas, com mudanças qualitativas da interação social e modalidades de comunicação, além de um repertório de interesses e atividades restrito e estereotipado, compondo assim a tríade de sintomas autísticos (OMS, 1998).

Assim, frente a visão citada anteriormente, em relação ao TEA, vê-se, portanto, que as contribuições do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua 5ª edição (DSM-V), reitera as características similares, já explicitadas sobre o fenômeno em estudo. Nesse sentido, a caracterização de TEA encontra-se atrelada ao processo resultante por déficits persistentes nas relações interpessoais sociais em distintos contextos, reunindo “déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos” (APA, 2014, p.3).

Para Oliveira e Sertié (2017) citam que TEA “é um grupo de distúrbios do desenvolvimento neurológico de início precoce, caracterizado por comprometimento das habilidades sociais e de comunicação, além de comportamentos estereotipados” (Oliveira; Sertié, 2017), em “Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético”, Oliveira e Sertié (2017) discorrem sobre a natureza complexa desse distúrbio neurológico.

Para eles, o TEA é caracterizado por dificuldades nas habilidades sociais, na comunicação e por comportamentos repetitivos. Embora os sintomas principais sejam esses, a variação do fenótipo é ampla, abrangendo desde indivíduos com deficiência intelectual severa até aqueles com QI normal e vida independente. Além dos sintomas principais, várias comorbidades, como hiperatividade, distúrbios do sono e gastrointestinais, e epilepsia, podem estar associadas ao TEA.

Por sua vez, confirmando tal estudo, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), baseia-se em dois critérios principais para fechar o diagnóstico do TEA, sendo

Prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D). (DSM-5, 2014)

Os dados mais recentes do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, 2023), relatam que

Pessoas com TEA podem se comportar, se comunicar, interagir e aprender de maneiras diferentes da maioria das outras pessoas. Muitas vezes não há nada sobre como eles parecem que os diferencie das outras pessoas. As habilidades das pessoas com TEA podem variar significativamente. Por exemplo, algumas pessoas com TEA podem ter habilidades avançadas de conversação, enquanto outras podem ser não verbais. Algumas pessoas com TEA precisam de muita ajuda no seu dia a dia; outros podem trabalhar e viver com pouco ou nenhum apoio. (CDC, 2023)

Dessa forma, segundo o documento acima citado, observa-se que os entraves na comunicação social e interação, acrescidos com padrões restritos e repetitivos de comportamento, podem ser observados desde os primeiros meses de vida e afetam, na maioria das vezes, o funcionamento diário da criança. As manifestações mudam de acordo com a gravidade e idade, abarcando diferentes condições.

Como salientado, observa-se que estudos (BOSA, 2006), apresentam que as pesquisas científicas na área da neurociência têm ajudado a ampliar a compreensão do TEA, explorando os fatores genéticos e ambientais que podem contribuir para o desenvolvimento do transtorno, bem como as diferenças neurobiológicas que podem estar envolvidas.

Para Bosa (2006) uma intervenção precoce e adequada pode impactar significativamente a vida e o desenvolvimento da criança diagnosticada. Nesse pensamento essa autora ressalta que a intervenção precoce adequada é fundamental para o desenvolvimento da criança, e destaca que, quanto mais cedo os sintomas forem observados, pelos membros familiares que acompanham as crianças, reforça que há maior a chance de a criança receber intervenções que contribuam no desenvolvimento e aprendizagem de habilidades essenciais para uma vida comum.

Porém não é um processo simples, sobretudo para famílias em situação de vulnerabilidade social, pois, mesmo que os sinais de alerta sejam observados desde os primeiros meses de vida da criança, o acesso a consultas médicas e a terapias especializadas demandam altos custos, o que resulta em um peso financeiro e emocional para tais famílias.

## **2.2 O Processo de Diagnóstico**

O processo de diagnóstico para o Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um algo que não deve acontecer de forma isolada, segundo o documento Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único, 2015 tal processo deve considerar a história, o contexto e as vivências apresentadas pela pessoa com TEA e sua família. Portanto, é crucial envolver a família no processo, construindo um projeto terapêutico conjunto com uma equipe multidisciplinar experiente.

O documento supracitado ainda pontua que a condução do diagnóstico requer interações variadas, bem como, atendimentos individuais, à família, atividades livres e grupais. A escuta atenta da história de vida, rotina, interesses e queixas da criança e família é essencial para compreender suas necessidades, observações em atividades diversas e a identificação de um profissional de referência durante o diagnóstico facilitam a adaptação e os encaminhamentos necessários. O registro documentado do processo é crucial para acompanhamento a longo prazo. É necessário considerar os ciclos de vida da pessoa com TEA e seu momento de desenvolvimento. A detecção precoce de riscos para TEA é fundamental e pode ser identificada por sinais precoces, como dificuldades na interação, comunicação e comportamentos repetitivos.

É essencial que os pais tenham conhecimento acerca dos marcos do desenvolvimento da criança em todas as fases da vida, sobretudo nos primeiros meses, pois um atraso no desenvolvimento pode ser um sinal de alerta para o TEA, e:

A detecção precoce para o risco de TEA é um dever do Estado, pois, em consonância com os princípios da Atenção Básica, contempla a prevenção

de agravos, a promoção e a proteção à saúde, propiciando a atenção integral, o que causa impacto na qualidade de vida das pessoas e de suas famílias. As diretrizes do SUS preconizam a essencialidade de políticas de prevenção e intervenções para crianças em situações de risco e vulnerabilidade, o que é o caso das crianças com alterações na interação e na comunicação, porque isso pode representar, além de outras dificuldades para o desenvolvimento integral da criança, o risco para TEA. (Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único, 2015).

É importante destacar que o documento disponibiliza de um quadro de características de crianças com risco para o TEA,

**Quadro 1 – Características Clínicas de Crianças com Risco para TEA**

De 6 a 8 meses	De 12 a 14 meses	Por volta de 18 meses
Não apresentam iniciativa em começar, provocar e sustentar interações com os adultos próximos (por exemplo: ausência da relação olho a olho).	Não respondem claramente quando são chamadas pelo nome.	Não se interessam por jogos de faz-de-conta.
Não se interessam pelo prazer que podem provocar no outro.	Não demonstram atenção compartilhada.	Ausência da fala ou fala sem intenção comunicativa.
Silenciamento de suas manifestações vocais, ausência do balbúcio, principalmente em resposta ao outro.	Ausência do apontar protodeclarativo, na intenção de mostrar algo a alguém.	Desinteresse por outras crianças: preferem ficar sozinhas e, se ficam sozinhas, não incomodam ninguém.
Ausência de movimentos antecipatórios em relação ao outro.	Não há ainda as primeiras palavras ou os primeiros esboços são de palavras estranhas.	Caso tenham tido o desenvolvimento da fala e interação, podem começar a perder essas aquisições.
Não se viram na direção da fala humana a partir dos quatro primeiros meses de vida.	Não imitam pequenos gestos ou brincadeiras.	Já podem ser observados comportamentos repetitivos e interesses restritos e estranhos (por exemplo: por ventiladores, rodas de carrinhos, portas de elevadores).
Não estranham quem não é da família mais próxima, como se não notassem a diferença.	Não se interessam em chamar a atenção das pessoas conhecidas e nem em lhes provocar gracinhas.	Pode aumentar seu isolamento.

Fonte: Área Técnica de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas/Dapes/SAS/MS.

O quadro de características apresentadas por crianças com risco para o TEA, oferecido pelo documento, serve como um guia útil para profissionais de saúde e familiares, permitindo uma melhor compreensão dos sinais indicativos do transtorno e reforçando a importância da atenção precoce a tais sintomas. Ao estar ciente dessas características, os pais e profissionais podem estar mais alertas e dispostos a buscar ajuda e intervenção adequada o mais cedo possível.

### 2.3 Inquietações da Família Frente ao Diagnóstico do TEA

No contexto familiar, observa-se que a chegada de um filho, gera muitas expectativas para os membros familiares, geralmente, as famílias apresentam planos para o futuro da criança desde os seus primeiros dias de vida. As expectativas são sempre as melhores possíveis. No entanto, quando as mães começam a perceber que algo está fora do “quadro de normalidade” no desenvolvimento de seu filho, logo, surge a preocupação imediatamente.

Segundo (Camilo, 2019), em uma publicação no site autismo e realidade, o diagnóstico de autismo pode levar os pais e familiares a passarem por um período de “luto autista”. Esse processo emocional é complexo e individual, e eles podem experimentar uma sensação de perda, uma vez que suas expectativas e sonhos podem parecer desafiados ou alterados. Sentimento de tristeza, preocupação e incerteza em relação ao futuro dos filhos surgem, exigindo uma adaptação a uma nova realidade.

Toda mãe, quando engravida, cria uma série de expectativas e desejos sobre o futuro da criança. Será que ela vai ser uma bailarina, baterista, médica, advogada? E ele será um cantor de rock, vai andar de skate ou jogar bola? Quando recebemos o diagnóstico é como se perdêssemos aquela criança “perfeita” que idealizamos. Afinal, como minha princesa será uma bailarina se ela não consegue ouvir uma música alta? Como será baterista ou médica se não possui uma boa coordenação motora? Como meu filho será um cantor se não fala, ou jogador de futebol se não suporta colocar o pé na grama? (Camilo, 2019).

Segundo Souza e Souza (2021 *apud* Prestes e Santos, 2022, p. 6),

A família ao descobrir a chegada de um filho é uma grande alegria para todos, especialmente para os pais. Ambos passam a produzir o filho perfeito em suas mentes, fantasiando sobre as características e formas que podem caracterizá-lo e torná-lo parecido com os dois. Diante disso, formar uma família é um sonho de muitos, um filho traz alegria, sonhos e planos. Uma imagem mental desse filho é criada, revelando os desejos e fantasias do inconsciente (Souza e Souza, 2021 *apud* Prestes e Santos, 2022, p. 6).

Portanto, é concreto afirmar que o processo de observação e identificação dos primeiros sinais de alerta para um possível diagnóstico de TEA causa um impacto emocional significativo para os familiares, sobretudo para os pais ou responsáveis legais da criança.

Porém, à medida que a família compreende e aceita a singularidade de seu filho, é possível encontrar maneiras de incentivar seu desenvolvimento e explorar novas perspectivas para o seu futuro. O caminho pode não ser exatamente como imaginado inicialmente, mas com apoio, amor e compreensão, a família pode encontrar uma nova jornada de descobertas e conquistas junto à criança com TEA.

## 2.4 Principais Desafios Enfrentados

### 2.4.1 Emocional

Acredita-se que o primeiro desafio frente a um possível diagnóstico de TEA em um filho ou parente próximo seja o peso emocional, é inegável que tal diagnóstico traz consigo uma série de incertezas e medos relacionados à saúde, qualidade de vida, financeiro, renúncias e sobrevivência, e sem dúvidas o emocional é o primeiro a ser abalado.

Segundo (Fávero; Santos, 2005), é concreto afirmar que as famílias de crianças autistas enfrentam níveis mais elevados de estresse em comparação com famílias de crianças com desenvolvimento típico. Os estudos revelam que o diagnóstico tardio, os desafios no cuidado da criança, as preocupações com o futuro e a falta de suporte social e financeiro são as principais fontes de estresse para os pais e familiares.

Uma revisão sistemática da literatura realizada por (Fávero; Santos, 2005) aborda a relação entre o autismo infantil e o estresse familiar. O estudo é uma análise de pesquisas anteriores que foi realizado para entender como o diagnóstico de autismo impacta a dinâmica familiar e o bem-estar dos pais e familiares. O estudo destaca que o diagnóstico de autismo pode causar um aumento significativo no estresse familiar, devido às demandas emocionais, financeiras e de cuidado associadas ao transtorno.

Indubitavelmente, as famílias que se encontram em circunstâncias especiais, promotoras de mudanças nas atividades de vida diária e no funcionamento psíquico de seus membros, deparem-se com uma sobrecarga de tarefas e exigências especiais que podem suscitar situações potencialmente indutoras de estresse e tensão emocional. (Fávero; Santos, 2005)

### 2.4.2 Financeiro

Outro ponto visto como grande desafio é o financeiro, as famílias com crianças diagnosticadas com TEA enfrentam um impacto financeiro significativo. Os custos associados ao tratamento médico, terapias especializadas, educação e suporte contínuo podem ser substanciais e sobrecarregar as finanças familiares. Além disso, muitos pais precisam reduzir suas horas de trabalho ou até mesmo deixar seus empregos para cuidar de seus filhos com TEA em tempo integral, resultando em uma perda de renda significativa.

(SILVA) realizou um estudo discutindo o impacto financeiro do autismo nas famílias e na sociedade. No qual é ressaltada a falta de apoio público no tratamento do autismo, o que leva as famílias a enfrentarem dificuldades financeiras significativas. Silva, em seu texto “O impacto financeiro nas famílias que tem diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista) e suas consequências financeiras e econômicas para a sociedade”, argumenta que, se não houver investimento no tratamento e assistência às famílias, a longo prazo, haverá um aumento de pessoas dependentes de auxílio financeiro da previdência social.

Segundo dados do site [Magicasdemaes.com.br](http://Magicasdemaes.com.br) (2020),

Considerando que um filho com TEA antes de tudo é um ser humano normal. Tem gastos com roupas, comidas assim como qualquer criança típica. [...] agora vamos adicionar a isso o valor gasto com o tratamento do TEA. Não é barato tratar do TEA no Brasil. São muitos profissionais



envolvidos no tratamento semanal, e cada um custa em média R\$ 150,00 por sessão de 45 minutos. O tratamento depende é claro da necessidade de cada criança. Alguns precisam de 4 sessões por semana, outras mais de 10. Sim, mais sessões do que dias da semana. (Magicasdema.com.br, 2020)

Como podemos ver, no contexto brasileiro, o tratamento do TEA pode ser especialmente desafiador devido ao alto custo das terapias e à falta de apoio financeiro do governo. As famílias enfrentam dificuldades em obter tratamento gratuito e muitas vezes precisam buscar tratamentos particulares, que são financeiramente inviáveis para a maioria das famílias brasileiras, sobretudo as famílias em situação de vulnerabilidade social.

É importante destacar que a sobrecarga financeira e emocional enfrentada pelas famílias de pessoas com TEA pode ter consequências de longo prazo para o bem-estar de todos os membros familiares. Ainda é importante citar que frente ao diagnóstico do TEA surgem outros diversos pontos a serem considerados, além das dificuldades enfrentadas dentro do próprio núcleo familiar, surgem as dificuldades externas, como o preconceito, os julgamentos, a inclusão dos autistas no meio social e acrescento um trecho de uma fala de uma escritora autista e mãe de autista.

Embora tenhamos uma das melhores leis de inclusão do mundo, o preconceito estrutural dificulta, e muito, a eliminação dessas barreiras. Além disso, a ineficiência ou até inexistência de políticas públicas trazem grande gargalo à sobrevivência das pessoas com deficiência (PCDs). Aliás, até mesmo ao seu desenvolvimento e qualidade de vida. Assim, temos, ainda, a invisibilidade do sofrimento das famílias de PCDs. Elas não são contempladas, também, por políticas públicas adequadas. Certamente, por tudo isso, perdemos valores que poderiam contribuir ao crescimento socioeconômico do país. (Silva, 2021)

Podemos perceber nas palavras de (Silva, 2021) que o diagnóstico do TEA deixa sequelas que poderiam ser evitadas se existissem políticas mais atentas a essas famílias e um olhar humano e inclusivo por parte da sociedade. Mesmo que os gestores dediquem atenção especial a essas necessidades especiais, não é bastante para suprir a real necessidade de tais famílias. Além disso, é necessário implementar políticas que promovam a inclusão social e a acessibilidade em diferentes áreas, como educação, emprego e comunidade, para que as pessoas com TEA tenham igualdade de oportunidades.

Em resumo, a sobrecarga financeira enfrentada pelas famílias de pessoas com TEA é uma questão significativa que exige atenção e ação por parte das autoridades e da sociedade como um todo. Ao investir em apoio financeiro, políticas inclusivas e conscientização, podemos ajudar a aliviar o impacto financeiro e emocional sobre essas famílias e promover uma sociedade mais justa e inclusiva para todas as pessoas, independentemente de sua condição de neurodiversidade.

#### *2.4.3 Educacional*

O Conselho Nacional de Educação (CNE, 2009) apresenta diretrizes e orientações referentes à educação inclusiva e ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Enfatiza a matrícula desses alunos em classes comuns do ensino regular, assim como no AEE, oferecido em salas de recursos multifuncionais ou em centros especializados.

Segundo o CNE, o AEE é concebido como um suporte complementar à formação dos alunos, visando eliminar barreiras para a participação plena na sociedade e desenvolvimento da aprendizagem. Além disso, ressalta que a Educação Especial é um direito em todos os níveis e modalidades de ensino, com o AEE integrado ao processo educacional. As diretrizes definem os públicos-alvo do AEE, incluindo alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades / superdotação, descrevendo suas características específicas.

Os professores do AEE têm atribuições específicas, como identificar necessidades educacionais, elaborar planos de atendimento individualizados, promover parcerias e orientar professores e famílias sobre recursos pedagógicos e acessibilidade.

Portanto, no que concerne a questões educacionais, na maioria dos casos os alunos atípicos possuem uma boa assistência, o que ajuda a diminuir o peso sobre as famílias frente ao diagnóstico de TEA, porém, na prática nem sempre a realidade é essa, muitas mães relatam o despreparo da comunidade escolar para receber e lidar com algumas especificidades do TEA, sobretudo por parte dos cuidadores, a falta de formação adequada para esses profissionais acarretam em prejuízos significativos no desenvolvimento da criança, causando assim, uma fonte importante de desafios e preocupações para as famílias.

### **3 METODOLOGIA**

Para a realização desta investigação, elegeu-se como metodologia básica a pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica - exploratória, por compreender-se a relevância do sujeito em torno do tema. Segundo SILVEIRA e CÓRDOVA (2009), “a pesquisa de cunho qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social.

Nesta pesquisa bibliográfica, onde foi feita uma busca em achados científicos para comprovação do objetivo. Para tanto, foram utilizadas ferramentas de pesquisas, exemplificativamente plataformas e portais de artigos digitais, tais como Electronic Library Online (SCIELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A elaboração do artigo foi baseada em estudos de análises preliminares feitos a partir do tema “Transtorno Espectro Autista” cujos descritores são: Autismo, Transtorno Espectro do Autismo, Diagnóstico, Criança etc. Trazendo de forma resumida conceitos sobre o tema, seguindo uma ordem para os seguintes tópicos: Considerações práticas de diagnóstico do autismo e Formas de tratamento do autismo no contexto multidisciplinar e da psicoeducação.

Foram abordadas informações importantes relacionadas ao tema, onde todas as considerações sobre o autismo tiveram prioridade, sempre buscando esclarecer de forma sucinta diagnósticos e tratamentos, trazendo artigos científicos que mostram pesquisas plausíveis sobre o TEA.

Para tal, utilizou-se a realização de entrevistas semiestruturadas como principal técnica de coleta de dados. Para este estudo, foram selecionadas quatro estudantes / mães de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e que estão inseridas no ambiente universitário, mais especificamente no curso de Pedagogia noturno da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), das quatro, três residem no município de Campina Grande, PB e uma reside no município de Boqueirão, PB, objetivando compreender suas experiências e desafios enfrentados no processo de diagnóstico e tratamento de seus filhos.

Inicialmente, realizou-se um levantamento bibliográfico acerca das contribuições recentes na área da Educação Especial, em particular do Enfrentamento familiar do diagnóstico de crianças com TEA, através das plataformas digitais, sobre a Família e o autismo na educação contemporânea, abarcando a temática do objeto em estudo, em seguida, através do uso de um questionário contemplando onze questões relacionadas à temática investigada, foi encaminhado às quatro discentes / mães que estudam o componente de Currículo no semestre letivo de 2023.2, acerca dos desafios postos aos familiares ao serem informados sobre o Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista em seus filhos, entre outros assuntos pertinentes ao objeto de estudo investigado.

Após a coleta das informações, o processo de análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa. As respostas das entrevistas foram transcritas e submetidas à análise, utilizando técnicas de codificação e categorização para identificar temas, padrões e informações relevantes emergentes dos relatos das participantes.

Durante todo o processo de pesquisa, as participantes foram devidamente informadas sobre os objetivos do estudo, e sua participação na pesquisa.

Em síntese, a combinação de métodos qualitativos, como entrevistas individuais, possibilitou uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pelas mães de crianças com TEA. Os resultados obtidos contribuem para uma visão mais ampla dos obstáculos enfrentados por famílias em situação de vulnerabilidade diante do diagnóstico e tratamento do TEA, ressaltando a necessidade de políticas mais inclusivas e apoio direcionado a essas famílias.

A coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas aplicadas a quatro discentes na condição materna de crianças com TEA. Sendo essas discentes entrevistadas oriundas de dois municípios localizados no estado da Paraíba (Campina Grande e Boqueirão). Essas participantes foram contatadas e foi marcado um horário para que a entrevista fosse concretizada. No início de cada entrevista, as participantes foram informadas sobre os propósitos do trabalho, após isso, com exceção, da discente (mãe) de residente no município de Boqueirão, a qual preferiu participar da entrevista de forma, remota, por meio de mensagens de texto e de áudio do aplicativo WhatsApp, e também contribuir com a pesquisa.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo nos permitiu explorar as percepções de estudantes universitárias em seu papel materno sobre as experiências estabelecidas dentro do contexto familiar ao lidar com o diagnóstico de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em seu cuidado diário. Isso nos fez refletir sobre os impactos desse diagnóstico na rotina dos membros familiares, especialmente na figura materna, em uma situação de desigualdade social.

Ao examinar os dados derivados da participação das quatro estudantes, inicialmente, as respostas relacionadas à primeira pergunta sobre a faixa etária das crianças diagnosticadas com TEA revelaram que duas participantes **Discente A e B** indicaram a idade de três anos para seus filhos. No entanto, as outras duas **Discente C e D** apresentaram relatos diferentes quanto à idade em que o diagnóstico de TEA foi descoberto. Por um lado, a **Discente D** mencionou ter sido informada do diagnóstico somente aos 4 anos de idade. Por outro lado, a **Discente C** relatou que demorou mais tempo, obteve o diagnóstico para seu filho quando ele tinha 5 anos.

Essa variedade na faixa etária para o diagnóstico de TEA reafirma o que Fávero e Santos (2005) defendem, como mencionado anteriormente, em relação à descoberta tardia do diagnóstico. Os desafios no cuidado da criança, as preocupações com o futuro e a falta de suporte social e financeiro são as principais fontes de estresse para pais e familiares.

Quanto às observações das participantes relacionadas à pergunta 2, "Quais foram os primeiros sinais de alerta?", é importante destacar que as descrições fornecidas foram diferentes em várias situações. Como visto nas seguintes respostas: primeiramente, a **Discente A** destacou aspectos da linguagem, indicando que a criança apresentava um cenário de 'não conseguir falar e bater a cabeça na parede', uma situação previamente mencionada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (APA, 2014). As **Discentes B e C** mencionaram que o processo de identificação de TEA em seus filhos passou despercebido. Ajuda externa foi procurada, como mencionado pela **Discente B**: "Não notei nada. No entanto, a professora da Assistência Educacional Especializada (AEE) notou o distanciamento dele das outras crianças. Em seguida, ela o observou por um tempo e notou outros transtornos nele".

Essa realidade descrita reflete a falta de consciência em famílias que enfrentam dificuldades em fazer observações mais precisas, como observado por (Oliveira; Sertié, 2017), no que diz respeito ao desenvolvimento abrangente da criança, especialmente no desenvolvimento neurológico precoce caracterizado por habilidades sociais e de comunicação prejudicadas, além de comportamentos estereotipados.

Em outra situação semelhante, a percepção da **Discente C** também destaca a falta de conhecimento da mãe em uma área específica do desenvolvimento infantil, sendo mãe pela primeira vez, como indicado aqui:

"Não identifiquei nenhum sinal de alerta, por ser mãe de primeira viagem, mas ele chorava muito, então eu imaginava que ele estava sentindo dor. Foi muito difícil para mim e eu não conseguia colocá-lo para dormir, sofri muito. Então o primeiro sinal foi o sono, não conseguia dormir, o segundo foi que ele é muito imperativo, não parava quieto, subia em tudo, mas era muito inteligente, sabia falar, tudo bem direitinho. Quando ele tinha dois anos e oito meses houve a separação, o pai dele saiu de casa e eu fiquei sozinha com ele, então foi um momento muito difícil e acredito que afetou muito ele também e aí ele parou de falar, foi aí que procurei a fono e o neurologista que não deu o laudo dele e eu só vim conseguir o laudo com cinco anos."

Já para a **Discente D**, há um quadro de observações com o seu bebê em relação aos sintomas sinalizados pela sua criança, cujo olhar desta, fala de alguns desafios enfrentados na direção da obtenção do diagnóstico de TEA, como nos explicita:

"Desde bebê, demonstrava comportamento peculiar com relação a insônia, irritabilidade e o balançado (movimentos no corpo para frente e para trás desde berço (as estereotipias como a psicóloga me informou). Aos três anos de idade eu e o pai dele nos separamos e com isso veio a piora dele, o agravamento dos sintomas que já tinha desde cedo, a criança sempre teve plano de saúde, desde seus primeiros meses pois trabalhava em uma empresa que dava direito a plano de saúde dos funcionários e filhos sendo descontado mensalmente no salário, e no tempo era atendido regularmente quando precisava, conseguimos inicialmente psicóloga e com ela veio o alerta e pediu para ver com o neurologista pediatra e assim o fiz, daí então foi uma série e procedimentos a serem seguidos, quando descoberto iniciou

as terapias com todos os profissionais da área, a equipe multidisciplinar, T.O, Psicopedagoga, Fonoaudióloga, e a Psicóloga.”

O interessante é a constatação na fala da **Discente D**,

“Porém o neuro só entregou laudo após o relatório da escola (acompanhamento que foi feito em um determinado período de tempo e observação) e os exames eletroencefalograma que diagnosticaram a deficiência intelectual. Sempre fui chamada na escola, com 3 anos demonstrava isolamento, agressividade, e sem interação com os colegas. A professora pediu para fazer acompanhamento com a psicóloga e então assim foi feito com ela, foi pedido na requisição o neurologista pelos traços que mostrava em seu comportamento como: Estereotípias; não conseguia pegar no lápis com movimento de pinça; não gostava de barulho em sala de aula; Se mordida quando ansioso; Batia a cabeça na parede quando contrariado; Andava e ainda anda sempre na ponta do pé. (Muito embora já tenha sido feito fisioterapia por um ano, o médico pediu que o fizesse aos cinco anos pois havia a possibilidade de encurtamento do nervo se continuasse o movimento, porém ele continua até os dias de hoje, mas o nervo não foi desgastado graças a Deus.”

Na questão 3, as mães foram questionadas acerca de como foi o processo de diagnóstico do TEA para seus filhos, a **Discente A** descreveu sua experiência como “exaustiva”, ressaltando a dificuldade de esperar nos hospitais. A aversão ao tempo de espera demonstra um desafio adicional no processo de diagnóstico, afetando tanto a criança quanto os cuidadores.

A **discente B** descreveu como um caminho complexo, envolvendo encaminhamentos, avaliações e consultas com diferentes profissionais. Destaca-se a espera prolongada para receber o diagnóstico oficial de autismo, mostrando a necessidade de um processo mais ágil e comunicativo entre os profissionais de saúde e as famílias. A **Discente C** ressaltou a dificuldade financeira como um obstáculo significativo para obter o diagnóstico. O relato destaca a luta constante para acessar serviços médicos de qualidade e a falta de diálogo do médico no momento do diagnóstico, evidenciando a importância de uma abordagem mais empática e informativa. A **Discente D** mencionou a realização de observações comportamentais e exames médicos como parte do processo de diagnóstico. Destacando a importância das observações detalhadas e dos exames clínicos para identificar e confirmar o diagnóstico de TEA.

Esses relatos ilustram a diversidade de experiências enfrentadas pelas famílias na busca pelo diagnóstico de autismo para seus filhos, enfatizando desafios como o tempo de espera, dificuldades financeiras, processos complexos e a importância da comunicação empática por parte dos profissionais de saúde.

Os relatos das famílias (**Discentes A, B, C e D**) sobre os desafios enfrentados ao buscar o diagnóstico para seus filhos, questão 4, revelam uma série de obstáculos. A falta de recursos financeiros emerge como um tema comum entre eles, refletindo uma realidade em que os custos associados ao processo diagnóstico e ao tratamento do TEA são significativos e muitas vezes inacessíveis para famílias em situação de vulnerabilidade econômica. A **Discente B** descreveu um contexto de pré-conceito inicial, não apenas dentro da família, mas também oriundo da sociedade. O relato emocional mostra como a falta de condições financeiras para terapias gera angústia e medo, preocupando-se com o desenvolvimento do filho e o receio de que ele chegue a um ponto semelhante ao de outras crianças com transtornos mais severos. **Discente C** destaca as dificuldades encontradas para

acessar um neurologista adequado. A falta de recursos financeiros para cumprir exigências médicas e a busca por profissionais específicos demonstram a batalha enfrentada por famílias em locais onde a oferta de serviços especializados pode ser limitada, como no município de Boqueirão, onde ela reside. Já a **Discente D** destaca os desafios burocráticos enfrentados para obter um benefício governamental (BPC) para seu filho. As negativas consecutivas do INSS, devido a exigências muitas vezes improváveis de serem cumpridas, ilustram a complexidade do sistema público em atender a essas necessidades específicas.

Em conjunto, esses relatos destacam a falta de acesso aos recursos adequados, a dificuldade em encontrar profissionais especializados, a burocracia para obter apoio financeiro e o impacto emocional que esses desafios têm nas famílias. Essas barreiras não apenas dificultam o diagnóstico precoce do TEA, mas também comprometem o acesso a terapias e tratamentos essenciais para o desenvolvimento e a qualidade de vida das crianças diagnosticadas, o que confirma o que foi observado por Silva (2021) “Além disso, a ineficiência ou até inexistência de políticas públicas trazem grande gargalo à sobrevivência das pessoas com deficiência (PCDs). Aliás, até mesmo ao seu desenvolvimento e qualidade de vida” (Silva, 2021).

No que diz respeito às respostas relacionadas à questão 05 no que se refere a seguinte assertiva “Como a situação socioeconômica da sua família afetou o acesso ao diagnóstico e ao tratamento do autismo? Você teve dificuldades financeiras ao pagar por consultas médicas, terapias e outros serviços relacionados ao TEA do seu filho? As participantes desta investigação, apontaram os seguintes aspectos a partir da fala da **Discente A** pode-se perceber o desafio voltado para a questão financeira, de uma situação complexa, como se pode visualizá-lo mediante a sua percepção que

“Afeta tudo. O dinheiro é extremamente necessário para conseguir pagar consultas e meios de transporte que estão em torno de mais de quinhentos reais, além dos três remédios para autistas com nível de suporte alto que custam também um grande valor. Para um brasileiro que ganha apenas o salário-mínimo, já está gastando praticamente o seu salário inteiro.”

Nessa direção, pode-se também a partir da fala da **Discente B**, que essa outra discente na condição materna, destacou que o processo de diagnóstico do autismo do filho dela reúne um percurso de angústias, sofrimento, para conseguir o atendimento pelo SUS. Assim sendo, essa participante enfatiza que

“até eu receber o benefício de meu filho foi Deus acima de tudo que me deu forças e me dá até hoje e depois foi minha irmã e minha mãe que me deu o dinheiro para buscar toda ajuda para ele nas terapias. Todo o processo até hoje foi e está sendo feito pelo SUS.”

A fala da mãe acima citado é um exemplo de casos de familiares que acorrem ao serviço do SUS na busca de ajuda de uma Equipe Médica interdisciplinar como assevera o documento já citado intitulado como documento Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único, (2015), mas que, na realidade a descoberta do diagnóstico de TEA acontece de forma tardia.

Diante dessa realidade, novamente, nas falas da **Discente C** e **Discente D**, também é citada a questão financeira, como se pode observar nos aspectos que são discutidos a seguir

**Discente C:** “É muito difícil não ter condições financeiras para dar um tratamento adequado ao meu filho, então ter dinheiro e ter um tratamento digno para meu filho é fundamental, até hoje ele não tem um tratamento adequado né, então é muito difícil mesmo. Eu tive e tenho muita dificuldade, até hoje me vejo sem condições de pagar, eu poderia dar o melhor para meu filho e infelizmente eu não tenho essa condição financeira, inclusive até me culpo por isso, por não ter condição financeira de dar o melhor para meu filho, sabendo que existe e por falta de dinheiro ele não tem acesso.”

**Discente D:** “Essa questão é bem complexa, pois de início não, como já informei o pai dele após a separação fazia o pagamento do plano, ele é uma criança que era muito dependente de ir regularmente ao médico, inclusive já fez duas cirurgias e foi internado vários dias de hérnia inguinal e apêndice mais recentemente (há dois e meio). Mas, as terapias sempre tive problemas, pois o plano não disponibiliza a quantidade de sessões necessárias por ano e tinha que pagar por fora, fora a medicação que ele toma até hoje que o SUS não libera e tenho que comprar todo mês. Atualmente a criança está sem plano há dois anos por motivos financeiros pois o pai que fazia o pagamento fez o cancelamento e eu não posso pagar sozinha, pois moramos eu e meu filho de casa alugada (apartamento no caso) e após o recebimento do BPC não pude mais trabalhar de carteira assinada, a renda mensal impossibilita a volta de plano de saúde.”

Ao serem questionadas, na questão 6, acerca de “Quais recursos e apoio foram disponibilizados pelo Sistema Único de Saúde ou por organizações governamentais para ajudar no diagnóstico e tratamento do seu filho?” As respostas das participantes evidenciam a diversidade de experiências ao buscar suporte do Sistema Único de Saúde (SUS) para o diagnóstico e tratamento do TEA.

A **Discente A** menciona um processo em que o encaminhamento para exames é feito pelo posto de saúde, visando o diagnóstico, e posteriormente encaminhado para o Centro de Atendimento ao Autista (CAA-CG). Isso mostra um encaminhamento mais direto e organizado, facilitando o acesso a locais especializados. Por outro lado, a **Discente B** menciona a gratuidade nos ônibus, um benefício que apesar de existir, acaba sendo pouco prático, resultando em estresse para o filho devido à demora dos transportes. Isso destaca como certos apoios podem não ser tão eficazes na prática, apesar de serem oferecidos, porém ela também afirmou ter tido apoio no Capsinho. A **Discente C** expôs suas frustrações com os serviços oferecidos pela secretaria de saúde, revelando a falta de adequação do tratamento oferecido, mencionando a falta de especialização dos profissionais e a limitação dos recursos disponibilizados pela prefeitura local, disse:

“Na secretaria de saúde eu procurei o tratamento do meu filho e foi negado, eles ofereceram caps que era só uma psicóloga que era voltada para adolescentes e crianças na sexta pela manhã e eu nunca me dei com ela, por que ela não chegava nem perto do meu filho e nem conversava com ele, dizia que era a teoria dela que eu não poderia interferir no procedimento psicológico dela e que ela só observava, tivemos muitas discussões e eu não consegui ter acesso, não foi um tratamento adequado. Depois de muito tempo ele teve acesso ao NASF, que era a fono, e também não vi muito resultado porque eles não são especialistas em autismo e era só isso que a prefeitura de Boqueirão disponibilizava e disponibiliza ainda para meu filho.”

Isso ressalta a importância não apenas da disponibilidade de serviços, mas da qualidade e especialização dos profissionais que os fornecem. Já a **Discente D** apresenta uma perspectiva crítica do SUS, evidenciando a demora no atendimento,

a escassez de profissionais e a falta de políticas públicas eficientes para lidar com a demanda crescente:

“O SUS só dificulta todo processo, pois hoje como estou necessitando do sistema e nós estamos na lista de espera para um simples profissional a psicóloga há um ano, consegui o cadastro dele no CAPSINHO, porém o médico só atende a cada três meses e só para ver a questão da medicação. Faltam profissionais, políticas públicas e a demanda só aumenta diariamente.”

Esses relatos mostram como a estrutura do sistema de saúde pode ser inadequada para atender às necessidades das famílias que buscam suporte para o TEA. As falas das discentes revelam um quadro diverso de experiências, desde caminhos mais facilitados até dificuldades complexas e carências sistêmicas. Isso demonstra a necessidade de melhorias significativas na estrutura de apoio e tratamento para famílias que lidam com o TEA, enfatizando a importância não apenas da disponibilidade, mas também da qualidade e acessibilidade dos serviços oferecidos pelo sistema de saúde.

A questão 7, relacionava-se a experiências voltadas para o âmbito educacional, “como a escola respondeu ao diagnóstico do seu filho? Houve apoio adequado? A escola estava preparada para recebê-lo?” Frente a tal questão, as respostas das discentes evidenciam a diversidade de experiências em relação à resposta das escolas ao diagnóstico de TEA de seus filhos, destacando a presença variada de apoio e preparo por parte das instituições educacionais.

A **Discente A** relatou uma transição do filho de uma escola particular para uma escola municipal, indicando que a escola atual oferece um ambiente com mais apoio escolar. Isso sugere uma melhoria na recepção e no suporte oferecido à criança após a mudança de escola, mostrando como a mudança de ambiente pode impactar positivamente o suporte educacional. A **Discente B**, por outro lado, expõe a falta de preparo e apoio adequado por parte da escola, indicando que o suporte educacional não foi imediato após o diagnóstico, e mesmo posteriormente, a escola não estava adequadamente preparada. A presença de cuidadores não capacitados também é mencionada, ressaltando a importância não apenas de oferecer apoio, mas de garantir que esse suporte seja de qualidade e especializado.

“Na creche e na escola sempre receberam ele bem. Porém o apoio escolar no início do diagnóstico não veio. Só veio no ano seguinte. Na verdade, a escola nunca esteve e nem está preparada para receber meu filho. Pois o apoio escolar deixa muito a desejar por falta de conhecimento. Desde que recebeu o diagnóstico nem sempre teve a sorte de um suporte escolar adequado. Ele teve ótimas cuidadoras, porém também já teve cuidadora não capacitada.”

A **Discente C** destaca uma preocupação inicial da creche e da escola particular em proporcionar um ambiente acolhedor para o filho, porém, após a mudança para uma escola pública, percebe uma falta de preparo dos profissionais em lidar com o TEA,

“Na época que recebi o diagnóstico ele estudava na creche, eu percebi a preocupação da professora, da diretora em conseguir uma cuidadora, ele estava sendo bem acolhido. Depois ele foi para uma escola particular e com o COVID teve que se afastar e foi para escola pública, hoje ele está na escola pública e eu não vejo apoio adequado, vejo que os profissionais não



são especializados em autismo, se meu filho se alterar eles não fazem nada, diz que não está bem. Então, é uma falta de preparo para recebê-lo. Não vejo a escola como preparada para receber ele, mesmo com boa vontade, mas não tem formação adequada.”

A **Discente D** relata a experiência do filho em uma escola particular, escolhida pela sensibilidade à condição dele. Embora não tenha tido apoio específico em sala de aula, o filho recebeu auxílio em casa, mostrando a importância do suporte externo à escola. Além disso, destaca o papel crucial dos pais no apoio educacional, evidenciando como a participação ativa da família pode ser fundamental para o progresso acadêmico da criança com TEA.

“Meu filho sempre estudou em escola particular por ser uma criança com TEA, e tem restrições com aglomerações de pessoas e barulhos, pelo acolhimento foi escolhido a instituição privada. Ele nunca teve apoio de suporte em sala de aula, mas consegue hoje fazer as atividades escolares sempre com ajuda em casa, na escola ele é mais lento, porém está se superando no aprendizado, foram muitas terapias com a psicopedagoga, e eu como pedagoga em formação, porém já tenho o pedagógico ajudei bastante anteriormente em seu processo de alfabetização e letramento. Não recebo mais queixas de atividades dele, apenas com o comportamento.”

Esses relatos refletem desafios diversos enfrentados pelas famílias ao lidar com as respostas das escolas após o diagnóstico do TEA de seus filhos. Revelam a necessidade crucial de escolas preparadas e capacitadas, além de destacar a importância do suporte contínuo tanto dentro quanto fora do ambiente escolar para promover o desenvolvimento educacional e pessoal das crianças com TEA.

Os relatos das discentes relacionados as reocupações e expectativas que você tem em relação ao futuro do seu filho com autismo, questão 8, evidenciam os desafios reais que enfrentam e as ansiedades associadas a esses desafios.

A **Discente A** expressa o desejo de que, por meio de terapias e medicamentos, seu filho possa alcançar uma vida "relativamente normal". Essa expectativa reflete a busca por uma vida equilibrada e funcional, buscando minimizar os impactos do autismo no dia a dia da criança. A **Discente B** demonstra preocupações com o preconceito que seu filho já enfrenta e teme que a situação não melhore. A preocupação com a exclusão social é evidente, mostrando como o entendimento precoce da exclusão pode afetar o bem-estar emocional da criança. A fé na saúde e a esperança por um futuro melhor são aspectos positivos, mas a vigilância constante evidencia o receio constante em relação ao ambiente social em que seu filho estará inserido. A **Discente C** expõe uma preocupação mais imediata em relação à segurança física de seu filho, dado o nível mais severo de autismo. A necessidade de cuidados intensivos devido à impulsividade e ao comportamento imperativo é uma realidade enfrentada por muitos pais de crianças com autismo. A esperança é destacada como um motor para continuar enfrentando esses desafios, mas a preocupação com a saúde e a segurança permanece como uma constante. E a **Discente D** revela preocupações sobre a exclusão social, especialmente diante da falta de preparo da sociedade para lidar com as diferenças. O medo do filho enfrentar situações difíceis na escola devido ao bullying e à incompreensão do autismo por parte dos colegas é angustiante. A ideia de se capacitar por meio de terapias e cursos especializados demonstra um desejo genuíno de estar melhor preparada para apoiar o filho da melhor maneira possível.

Esses relatos são tocantes e refletem as preocupações comuns entre os pais de crianças com autismo. Mostram não apenas a necessidade de apoio contínuo e especializado para os filhos, mas também a importância do autocuidado e da busca por conhecimento para enfrentar os desafios futuros. É crucial oferecer suporte não apenas às crianças com TEA, mas também às suas famílias, para ajudá-las a lidar com os obstáculos que surgem ao longo do caminho. Pois como observado por (FÁVERO; SANTOS, 2005), todas essas preocupações resultam em um alto nível de estresse familiar, sobretudo para a figura materna, a qual lida diretamente com tais desafios.

Ao serem questionadas sobre “Como a falta de informação sobre o autismo afeta sua família e sua capacidade de lidar com os desafios do transtorno”, as discentes responderam de forma geral que a falta de informação sobre o autismo afeta significativamente suas famílias e a capacidade de lidar com os desafios associados ao transtorno.

A **Discente A** destacou a importância do conhecimento prévio sobre o autismo para facilitar o diagnóstico precoce. A falta de informação torna difícil aceitar o diagnóstico, o que, por sua vez, pode atrasar o desenvolvimento da criança. Além disso, ressalta que o suporte ao autista exige o envolvimento e a compreensão de toda a família, afetando a vida dos parentes mais próximos, ela diz:

“Se tivéssemos conhecimento antes sobre o autismo poderíamos possuir o diagnóstico muito antes. O fato de ser difícil de aceitar dificulta muito o processo de desenvolvimento da criança. E esse transtorno necessita de apoio da família inteira, afetando assim a vida dos parentes mais próximos da criança.”

A **Discente B** mencionou como a falta de informação sobre o autismo gerou medo, incerteza e isolamento. Destacando o desprezo da sociedade e como isso a afetou emocionalmente. “Afetou no medo, na incerteza do amanhã. Afetou o desprezo da sociedade. Afetou meu psicológico. Pois eu não posso buscar apoio no pai dele. Mas Deus está me ajudando até hoje.” O relato evidencia a falta de apoio do pai da criança, colocando em perspectiva a necessidade de suporte emocional e a importância da terapia para lidar com os desafios. A **Discente C** enfatiza o impacto devastador de receber o diagnóstico sem ter informações prévias sobre o autismo:

“Foi muito difícil receber o diagnóstico do meu filho e eu sem saber como cuidar dele. Então não sei nem se prejudiquei ele por falta da minha informação sobre autismo, então assim, ter conhecimento sobre autismo, sobre tratamento, para os pais é de suma importância para melhorar a qualidade de vida e é por isso que hoje estou na universidade fazendo pedagogia para tentar ver como posso cuidar melhor do meu filho, por que sem conhecimento você não vai saber cuidar de uma criança autista. Com conhecimento você consegue entender e tentar superar os desafios da vida de uma criança com TEA e até chegar ao nível de sair do TEA.”

E a **Discente D** compartilhou sobre como a falta de entendimento sobre o autismo impactou o ambiente familiar.

“Afetou imensamente, meu filho sempre fica na casa da avó materna para que eu possa concluir meu curso que iniciei na universidade em 2019 e no próximo ano término, e também para dar minhas aulas de reforço para complementar minha renda. E logo no início, com a descoberta e com o laudo meus pais não tinham muito entendimento sobre o assunto e tive que estudar, pesquisar muito sobre o tema e como lidar com um filho assim,

minha mãe, meu pai e eu tivemos que conversar muito sobre a suas estereotípias pois eles viviam reclamando com ele, mandando ele parar o balanço, e o andar na ponta do pé, hoje diminuiu bastante porém ainda ocorre de vez em quando as reclamações mais são mais conscientes que é um movimento involuntário que ele faz. O pai do meu filho, no início não aceitava que ele era uma criança com TEA, porém com o passar do tempo e com o seu comportamento diante de situações de conflitos e ansiedade, e de barulhos ele presenciou como meu filho se portava, e foi entendendo sobre as características e conseguiu a aceitação graças a Deus, atualmente é bem consciente.”

Os relatos refletem a importância crítica do conhecimento e da educação sobre o autismo não apenas para as famílias, mas também para a sociedade em geral. Como vimos no documento “Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único, 2015”, o quanto é essencial que os pais tenham conhecimento acerca dos marcos do desenvolvimento da criança em todas as fases da vida, pois um atraso no desenvolvimento pode ser um sinal de alerta para o TEA, elas destacam a necessidade de conscientização para reduzir o estigma e garantir o suporte necessário às crianças com TEA e suas famílias. É fundamental promover a disseminação de informações precisas sobre o autismo para criar ambientes mais inclusivos e solidários.

A questão 10, referiu-se a como a conscientização sobre o autismo e a inclusão de pessoas com TEA na sociedade podem ser melhoradas. As discentes revelaram visões distintas sobre a possibilidade de melhorar a conscientização sobre o autismo e a inclusão de pessoas com TEA na sociedade.

A **Discente A** falou sobre a importância de falar mais sobre o autismo para evitar que as crianças sejam privadas de uma vida independente devido à falta de conhecimento dos responsáveis. Essa abordagem ressalta a necessidade de disseminar informações precisas sobre o autismo para criar ambientes mais inclusivos e acolhedores. A **Discente B** expressou-se em relação à conscientização, argumentando que o preconceito está enraizado nas pessoas e que, se elas não estiverem dispostas a mudar, a disseminação de informações não será eficaz. Essa visão evidencia a complexidade de lidar com preconceitos arraigados na sociedade e destaca a necessidade de abordagens mais profundas para promover a inclusão. A **Discente C** acredita firmemente na possibilidade de melhoria por meio do conhecimento e da informação adequada. Destaca a importância de cursos de especialização e do entendimento de que a realidade do TEA é diferente do que é comumente visto na sociedade. Essa visão enfatiza a necessidade de uma compreensão mais ampla e informada do autismo para garantir uma inclusão efetiva. E a **Discente D** concorda com a possibilidade de melhorar a conscientização sobre o autismo, apontando para a falta de entendimento e generalização de sintomas que ainda prevalece na sociedade. Destacando a importância do acolhimento, do direito à fala e do aumento de profissionais especializados na rede pública para atender adequadamente às necessidades das pessoas com TEA.

Esses relatos ilustram a complexidade da conscientização sobre o autismo e a inclusão de pessoas com TEA. Enquanto algumas enfatizam a disseminação de informações e conhecimento como ferramentas-chave para a inclusão, outras apontam para desafios mais profundos, como a mudança de mentalidades arraigadas na sociedade. A inclusão efetiva requer não apenas a disseminação de informações, mas também ações concretas para combater estereótipos, preconceitos e garantir recursos e suporte adequados para indivíduos com TEA.

Em linhas gerais, na última questão busca-se contribuições por meio de “sugestões ou recomendações você tem para melhorar o suporte e o acesso ao diagnóstico e tratamento do autismo para famílias em situação de vulnerabilidade social” As participantes A, B e C destacaram sugestões similares, em que observaram a ausência e necessidade de políticas públicas mais abrangentes. Nessa perspectiva destaca-se que a participante D, traz um olhar que resume a necessidade de todas as participantes, para além do seu caso isolado

“Políticas públicas já! Para o melhoramento de atendimento a esse público alvo é imprescindível a mudança desde o suporte do sistema único de saúde (SUS), com o aumento de profissionais como na questão burocrática para diagnósticos no INSS que demora meses e às vezes anos para dar resposta a famílias que muitas das vezes passam por situações de vulnerabilidade social e precisam ser acolhidas e orientadas, que o governo possa dar melhor suporte a estas pessoas com a assistência devida, eu e meu filho somos exemplos que a saúde pública está um descaso total.”

Pode-se observar na fala dela que a necessidade de tais políticas é uma realidade, visto que o aumento de casos de TEA é cada vez mais crescente e que todos precisam de atendimento de qualidade

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados desta pesquisa refletem os desafios enfrentados pelas mães de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Elas lidam com uma série de obstáculos ao longo do processo de identificação, diagnóstico e tratamento de seus filhos. Uma das constatações centrais é a demanda por um suporte mais amplo por parte do governo, destacando a necessidade de políticas públicas abrangentes e um sistema de saúde que ofereça suporte eficiente e acessível.

A escassez de informações sobre o TEA surge como um grande obstáculo para essas famílias, atrasando o diagnóstico precoce e prejudicando a capacidade de lidar efetivamente com os desafios associados ao transtorno. As mães expressam dificuldades em obter acesso a recursos adequados, enfrentando obstáculos financeiros significativos ao pagar por consultas médicas, terapias e outros serviços necessários para o tratamento de seus filhos.

Além disso, a resposta da sociedade em geral, incluindo a escola, foi considerada inadequada. As mães apontaram a falta de preparo das instituições educacionais para receber e apoiar crianças com TEA, ressaltando a necessidade de treinamento especializado para professores e funcionários escolares.

Outra questão crucial é o preconceito e a falta de conscientização sobre o autismo. Muitas famílias enfrentam estigma e discriminação, afetando negativamente não apenas a criança autista, mas toda a dinâmica familiar. A conscientização social sobre o autismo e a inclusão de pessoas com TEA são elementos-chave para promover uma sociedade mais empática, onde a diversidade seja valorizada e todos tenham acesso igual a oportunidades e apoio adequado.

Nesse contexto desafiador, a decisão das mães de cursarem Pedagogia para compreender e ajudar seus filhos com TEA destaca-se como uma estratégia fundamental. Essa escolha educacional demonstra um esforço consciente para adquirir conhecimentos que possam ser aplicados no cuidado e na educação de seus filhos com necessidades especiais.

Ao enfrentarem os desafios no diagnóstico, tratamento e inclusão de seus filhos com TEA, essas mães reconhecem a importância de adquirir ferramentas pedagógicas e compreensão teórica para melhor atender às demandas específicas de seus filhos. A busca por conhecimento por meio do curso de Pedagogia capacita-as a lidar eficazmente com os desafios impostos pelo TEA, fortalecendo-as emocional e intelectualmente para enfrentar os obstáculos no cuidado de seus filhos.

Assim, a ligação entre os resultados e a decisão das mães em buscar o curso de Pedagogia está intrinsecamente relacionada à motivação de compreender, apoiar e capacitar-se para serem cuidadoras mais eficientes e inclusivas para seus filhos com TEA. Essa escolha educacional representa um passo significativo na jornada dessas mães em buscar recursos e conhecimentos para garantir um ambiente educacional e emocionalmente enriquecedor para suas crianças.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**. Trad. Maria Inês. Porto alegre: Artmed, 2013

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, p. s47-s53, 2006.

BRAZIL. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do sistema único de saúde**. Ministério da saúde, 2013.

BRASIL, BRASIL, Ministério da Educação, **Conselho Nacional de Educação**, Câmara de Educação Básica, & Ministério da Educação. (2009). Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009.

CABRAL, Cristiane Soares; MARIN, Angela Helena. Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura. **Educação em revista**, v. 33, p. e142079, 2017.

CAMILO, Daiana De Souza. O impacto do diagnóstico traz uma tristeza pela criança que sonhamos. **Autismo e Realidade**, 2019. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2019/10/15/o-luto-autista/>. Acesso em: 18 Nov. 2023.

DO PRADO POLIZELLI, Marina Corrêa; ALMOHALHA, Lucieny. Convivendo com autismo: relato de experiência materna.

FALCÃO, Thais Farias; DA SILVA, Amanda Rengifo; DA ROCHA, Wollace Scantbelruy. APOIO PSICOSSOCIAL AS FAMÍLIAS COM FILHOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA). **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 11, p. 20569-20589, 2023.

FÁVERO, Maria Ângela Bravo; SANTOS, Manoel Antônio dos. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 18, p. 358-369, 2005.

GRIESI-OLIVEIRA, Karina; SERTIÉ, Andréa Laurato. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein (São Paulo)**, v. 15, p. 233-238, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. **São Paulo: Atlas**, 2017.

MAGICADEMAE.com.br. Quanto custa um filho Autista. 2018. Disponível em Mágicas de Mãe Quanto Custa Um Filho Autista – Mágicas de Mãe ([Mágicas de Mãe \(Mágicas de Mãe \(magicasdemaes.com.br\)\)](http://magicasdemaes.com.br)) Acesso em: 18/11/2023

**Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V.** Trad. Maria Inês. Porto alegre: Artmed, 2013

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde: CID-10.** 10.ed. São Paulv: Edusp; 1998

PRESTES, Eline Beatriz Sousa; SANTOS, Yasmim Caroline dos Santos e. DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS IMPACTOS CAUSADOS NA FAMÍLIA. **Ciências da Saúde**, [S. l.], ano 2022, n. Edição 116 NOV/22 SUMÁRIO, Edição 117 DEZ/22 SUMÁRIO, p. 6, 2 dez. 2022.

SILVA, E. F. O impacto financeiro nas famílias que tem diagnóstico de TEA (transtorno do espectro autista) e suas consequências financeiras e econômicas para a sociedade. **Tópicos Especiais em Ciências da Saúde: teoria, métodos e práticas**, v. 4, p. 190-201.

SILVA, Selma Sueli. Ser autista é complicado, ser autista pobre é muito mais. **Canal autismo**, 8 de outubro 2021. Disponível em: ([Ser autista é complicado. Ser autista pobre é muito mais - Canal Autismo](#)) Acesso em: 18 nov. 2023.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44**, 2009.

Transtorno do Espectro Autista. **O que é Transtorno do Espectro Autista?**. 2022. Disponível em: ([O que é Transtorno do Espectro Autista? | CDC](#)) Acesso em: 26 nov. 2023.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente e acima de tudo à Deus, que sempre foi meu sustento e me deu a graça de chegar até aqui, mesmo quando eu duvidava ser capaz e a Virgem Maria, minha intercessora fiel.

Agradeço aos meus familiares, que sempre acreditaram na minha capacidade e sempre me sustentaram com suas orações. A minha amada mãezinha Helena Cordeiro (*in memoria*), que nesse processo me incentivou como ninguém, estando sempre ao meu lado, lembrando-me de como eu era amada, apoiada e capaz de fazer qualquer coisa. E que ainda nesse percurso foi chamada a juntar-se à Deus. Agradeço ao meu pai, Francisco Xavier de Sousa e meus irmãos, Denise, Delma, Danúbia e Júnior, que sempre me apoiaram nessa jornada e a minha prima/cunhada/irmã Vanessa, que além de ser um exemplo para mim, foi também um incentivo e um apoio nos percalços desse caminho.

Agradeço ao meu esposo e companheiro de todas as horas, Júnio de Oliveira Santos, que me ajudou de todas as formas possíveis, sempre me lembrando que eu não estava só nesse caminho.

Agradeço a minha orientadora, Prof. Dra. Rosely de Oliveira Macário, que além de professora foi uma verdadeira amiga, sempre atenciosa, sobretudo nos dias de luto pela perda de minha mãe, além de toda paciência, dedicação, orientação e ajuda ao longo de todo o processo de pesquisa e redação deste trabalho. Suas contribuições foram fundamentais para o seu desenvolvimento e conclusão.

Agradeço às minhas amigas Mirele e Joyce, que sempre estiveram do meu lado, fisicamente e espiritualmente, rezando por mim.

Agradeço também aos professores e demais membros da banca examinadora, Prof. Me. Diêgo de Lima Santos Silva e Profa. Dra. Paula Almeida de Castro, por dedicarem seu tempo na avaliação deste trabalho.

Agradeço aos colegas de turma, em especial à Milenna, e Raiane que fizeram o fardo ser mais leve. Agradeço também a todos os profissionais, instituições e participantes que contribuíram direta ou indiretamente para a realização das pesquisas e coleta de dados deste trabalho. Sem a colaboração e disponibilidade dessas pessoas, este estudo não seria possível.

Por fim, expresso minha gratidão a todas as fontes bibliográficas consultadas, autores e pesquisadores cujo trabalho e conhecimento forneceram a base teórica e embasamento necessário para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste TCC, meu mais sincero agradecimento. Seu apoio foi essencial para a conclusão deste trabalho e para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

Muito obrigada!